

Zé Susto e a Bíblia dos Sonhos

Todos os dias, das nove às cinco, sento-me à minha secretária voltada para a porta do gabinete e passo à máquina os sonhos dos outros. E não apenas os sonhos. Não seria lá muito prático para os meus chefes. Também passo à máquina as queixas diurnas das pessoas: problemas com a mãe, problemas com o pai, problemas de bebida, de cama, dores de cabeça que martelam o cérebro e apagam sem mais nem menos o bom do mundo. Ninguém vem parar ao nosso serviço se não tiver problemas. Problemas que não se conseguem diagnosticar só com Wassermanns ou com Wechsler-Bellevues².

Quem sabe se os ratos não chegam, desde pequeninos, à conclusão de que o mundo inteiro é governado por uma multidão de pés enormes. Pois eu, do meu poiso, vejo o mundo governado por uma e uma só coisa. O susto com cara de cão, cara de demônio, cara de bruxa, cara de puta, o susto maiusculado, sem cara nenhuma — sempre o mesmo Zé Susto, acordado ou a dormir.

Quando me perguntam onde é que eu trabalho, digo que sou Secretária-Adjunta de um dos Serviços Ambulatórios do pavilhão das Consultas Externas do hospital da cidade. O título soa tão peremptório e definitivo que raramente chegam a perguntar-me mais alguma coisa além daquilo que eu faço, e o que faço é principalmente dactilografar relatórios. Por minha conta e risco, no entanto, e de forma totalmente clandestina, cultivo uma vocação que havia de fazer arrebatar a orelha a muito médico. Na intimidade do meu apartamento de uma única divisão, intitulo-me nem mais nem menos que secretária do próprio Zé Susto.

Sonho a sonho, vou-me instruindo para me tornar essa rara personagem, mais rara, na verdade, do que qualquer membro do Instituto de Psicanálise: uma perita em sonhos. Não uma trava-sonhos, uma explica-sonhos, uma exploradora dos sonhos com vista às grosseiras finali-

dades práticas da saúde e da felicidade, mas uma colecionadora de sonhos por mero amor aos sonhos, alheia a todo e qualquer intuito sórdido. Uma cultora dos sonhos por amor a Zé Susto, Criador de todos eles.

Dos sonhos que copiei à máquina para os nossos arquivos, não há um que eu não saiba de cor. Não há um único sonho que eu não tenha copiado em casa para a Bíblia dos Sonhos do Zé Susto.

É esta a minha verdadeira vocação.

Há noites em que subo no elevador até ao terraço do meu prédio. Uma vez por outra, por volta das três da manhã. Por sobre a copa das árvores, no outro extremo do parque, o clarão do edifício da United Fund esmorece e reaviva-se, accionado por uma invisível mão de feiticeiro, e vejo luzes, aqui e ali, nas moles de pedra e cimento. Acima de tudo, no entanto, sinto a cidade adormecida. Adormecida do rio, a oeste, até ao oceano, a leste, como uma ilha à deriva, embalando-se a si mesma sobre o vazio.

Posso estar tensa e nervosa como a corda mais aguda de um violino, e mesmo assim, quando o céu começa a ficar azul, sinto-me pronta para dormir. É a ideia de todos esses sonhadores e das coisas que eles sonham que me esgota até me fazer dormir um sono febril. Que faço eu, de segunda a sexta, senão dactilografar esses mesmos sonhos? É claro que só me passa pelas mãos uma fracção ínfima dos sonhos da cidade inteira, mas página a página, sonho a sonho, os meus livros de registos vão engrossando e fazendo vergar as prateleiras da estante na estreita passagem paralela ao corredor principal, passagem para onde dão todas as portas dos gabinetezinhos dos médicos.

Tenho o curioso hábito de identificar as pessoas que entram no serviço pelos seus sonhos. Pela parte que me toca, os sonhos caracterizam-nas melhor do que qualquer nome próprio. Há um tipo, por exemplo, que trabalha numa fábrica de rolamentos da cidade, e todas as noites sonha que está deitado de costas com um grão de areia no peito. A pouco e pouco, o grão de areia vai crescendo, até ficar avantajado como uma casa, cortando-lhe o fôlego. Sei de outro fulano que tem tido sempre um determinado sonho desde que em miúdo o anestesiaram com éter para lhe tirarem as amígdalas e os adenóides. Nesse sonho é apanhado pelas calandras de uma fábrica de panos de algodão, e luta desesperadamente para não ser trucidado. Oh, ele não está sozinho, embora julgue que sim. Nos tempos que correm há imensa gente a sonhar que é devorada ou esmagada por máquinas. São os claustrofóbicos que se recusam a andar de metro ou de elevador. Quando acabo de almoçar no

bar do hospital passo muitas vezes por eles, subindo, ofegantes, as escadas de pedra por varrer até ao nosso serviço, no quarto andar. De vez em quando pergunto-me que sonhos teriam as pessoas antes da invenção dos rolamentos e das fábricas de tecidos de algodão.

Tenho um sonho só meu. O meu único sonho. Um sonho de sonhos.

Nesse sonho há um grande lago translúcido que se espria em todas as direcções, demasiado vasto para que lhe veja as margens, se é que tem margens, e eu estou suspensa sobre as águas, debruçada do ventre envidraçado de um helicóptero. No fundo do lago — tão fundo que apenas entrevejo o movimento e o arfar das massas sombrias — estão os dragões de carne e osso. Os que por cá andavam antes de os homens começarem a viver em cavernas, a cozinhar a carne ao lume e a inventar a roda e o alfabeto. Enormes não é a palavra que melhor os define; têm o corpo mais enrugado que o próprio Zé Susto. Se sonhamos com eles por muito tempo e depois miramos atentamente os nossos pés e as nossas mãos, vemo-los mirrar a olhos vistos. O Sol reduz-se às dimensões de uma laranja, mas uma laranja gelada, e é como se vivêssemos em Roxbury desde a última glaciação. Não há lugar que nos sirva senão um quarto macio e almofadado como o primeiro quarto que conhecemos, onde possamos sonhar e vogar, vogar e sonhar, até darmos de novo conosco entre esses grandes seres originários e os próprios sonhos deixarem de fazer sentido.

É neste lago que desaguam à noite os pensamentos de toda a gente, regatos e sarjetas convergindo para um imenso reservatório comum. Que em nada se assemelha a essas puras, azuis e cintilantes fontes de água potável que os subúrbios guardam mais ciosamente do que o diamante Hope, entre pinhais e cercas de arame farpado.

Transparência à parte, é o imemorial vazadouro de todas as águas residuais.

Ora a água deste lago, como é natural, fede e fumeja, de todos os sedimentos que os sonhos nela foram lançando ao longo dos séculos. Se pensarem no espaço que uma noite de adereços de sonho ocuparia para uma única pessoa numa só cidade, sendo essa cidade uma simples picada de alfinete no planisfério, e se começarem a multiplicar este espaço pela população do mundo, e esse espaço pelo número de noites que passaram desde que os macacos deram em talhar machados de pedra e em perder o pêlo, farão uma ideia do que eu quero dizer. Não sou muito dada à matemática: para ficar com a cabeça em água, basta-me chegar ao número de sonhos sonhados numa noite no estado do Massachusetts.

Por essa altura, já vejo a superfície do lago a fervilhar de serpentes, cadáveres inchados como baiacus, embriões humanos a boiar em frascos de laboratório como outras tantas mensagens inacabadas do grande Eu Sou. Vejo armazéns inteiros de ferramentas: facas, guilhotinas, pistões, rodas dentadas e quebra-nozes; luzidios focinhos de automóvel a assomar à tona, de olhos vítreos e dentes maldosos. E depois, há o homem-aranha e o homem-palmípede de Marte, e a simples e lúgubre visão de um rosto humano a virar-se de uma vez por todas, apesar das alianças e dos votos, para o último de todos os amantes.

Uma das formas mais frequentes nesta maré vaza é tão banal que parece tolice evocá-la. É um grão de poeira. A água está saturada desses grãos. Insinua-se no meio de tudo o resto e rodopiam movidos por uma estranha energia própria, opacos, omnipresentes. Chame-se à água o que se quiser, Lago Pesadelo, Pântano da Loucura, é aqui que jazem e se agitam todos quantos dormem, entre os adereços dos seus piores sonhos, numa grande irmandade, embora cada um deles, desperto, se julgue singular, absolutamente único.

É este o meu sonho. Não o encontrarão registado em nenhuma ficha clínica. Ora a rotina do nosso serviço é muito diferente da da Dermatologia, por exemplo, ou da Oncologia. Os outros serviços têm grandes semelhanças entre si; nenhum é como o nosso. No nosso serviço não se receitam tratamentos. O tratamento é invisível. Processa-se ali mesmo, naqueles gabinetezinhos, cada qual com a sua secretária, as suas duas cadeiras, a sua janela e a sua porta com um retângulo de vidro opaco emoldurado a madeira. Há uma certa pureza espiritual neste tipo de assistência médica. Não posso deixar de sentir o especial privilégio da minha posição como secretária-adjunta do Serviço de Psiquiatria de Adultos. O meu sentimento de orgulho é confirmado pelo modo brutal como os outros serviços invadem os nossos gabinetes, certos dias da semana, à falta de outros espaços: o nosso edifício é muito antigo, e as instalações não cresceram de modo a acompanhar as crescentes necessidades dos novos tempos. Nesses dias de sobreposição fica bem vincado o contraste entre o nosso Serviço e os outros.

Às terças e quintas, por exemplo, fazem-se durante a manhã punções lombares num dos nossos consultórios. Se a enfermeira por acaso deixa aberta a porta do gabinete, como tem por hábito fazer, vejo a extremidade da marquesa branca e os pés descalços, sujos e amarelos do doente, a espreitar de baixo do lençol. Apesar da repugnância que o espectáculo me inspira, não consigo tirar os olhos dos pés descalços, e dou por mim a espreitar de dois em dois minutos de trás da máquina de escre-

ver para ver se ainda lá continuam, se por acaso mudaram de posição. Não imaginam como isto me distrai do meu trabalho. Vejo-me frequentemente obrigada a reler várias vezes aquilo que passei à máquina, a pretexto de uma meticolosa revisão de provas, para memorizar os sonhos que transcrevi da fita gravada na voz do médico.

O Serviço de Doenças Nervosas, na porta ao lado, que se situa nas franjas mais toscas, menos imaginativas, do nosso território, também nos incomoda durante a manhã. À tarde usamos os consultórios deles para as nossas sessões de terapia, porque só lá se trabalha de manhã, mas ouvir a gatinha deles a chorar, ou a cantar, ou a tagarelar muito alto em italiano ou em chinês, ininterruptamente, horas a fio, todas as manhãs, como tantas vezes acontece, é no mínimo perturbador.

Apesar destas interrupções por parte dos outros Serviços, o meu trabalho pessoal vai avançando a bom ritmo. Já ultrapassei há muito a fase de copiar apenas o que vem depois de o doente dizer: «Tive este sonho, senhor doutor.» Cheguei a um ponto em que consigo recriar sonhos que nem sequer estão registados por escrito. Sonhos que projectam a mais vaga das sombras, mas que estão eles próprios ocultos, como uma estátua debaixo de um veludo vermelho antes da solene inauguração.

A título de exemplo. Apareceu-nos uma mulher com a língua de fora, uma língua inchadíssima, ao ponto de ter tido que abandonar a festa que organizara para uma vintena de amigos da sogra canadiana francófona, vindo assim parar às nossas Urgências. Ela bem pensava que não queria ter a língua de fora, e, para dizer a verdade, a coisa era mais que embaraçosa, mas ela não podia ver a sogra canadiana francófona nem pintada, e a língua, mesmo que em desacordo com o resto da sua pessoa, mantinha-se fiel às suas opiniões. Ora ela não afirmou ter tido quaisquer sonhos. Apenas disponho, para começar, dos factos nus e crus acima expostos, e todavia detecto por trás deles o vulto e a promessa de um sonho.

De modo que trato de desencantar este sonho, confortavelmente aninhado debaixo da língua dela.

Seja qual for o sonho que desentorro, com muito trabalho, um trabalho esgotante, quando não com uma espécie de reza, descubro sempre uma impressão digital num cantinho, um pormenor malicioso, marginal, um incorpóreo sorriso de gato de Cheshire, em pleno ar, que demonstra ser o trabalhinho todo obra do génio do Zé Susto, e de mais ninguém. Ele é astuto, é subtil, é veloz como um relâmpago, mas mesmo assim denuncia-se constantemente. Não consegue resistir ao melodrama. Ao tipo mais antigo e mais óbvio de melodrama.